



RODAIR JOSÉ

O FILHO DE JOSÉ E MARIA

mojo
BOOKS

RECONTADO POR
SARA STOPAZZOLLI

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Odair José
O FILHO DE JOSÉ E MARIA
recontado por
SARA STOPAZZOLLI

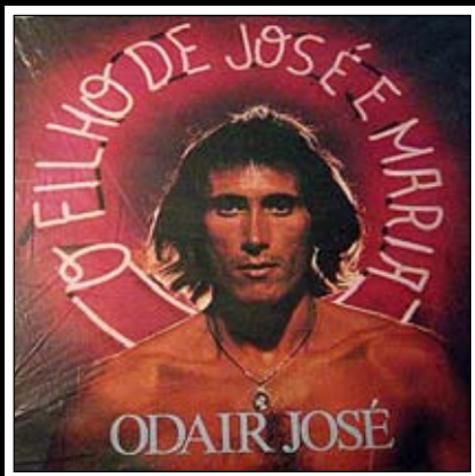
AGOSTO DE 2008
VOLUME 73

MOJO
BOOKS

Odair José
O FILHO DE JOSÉ E MARIA
recontado por
SARA STOPAZZOLLI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **BASE-V**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Nunca mais
2. Não me venda grilos
(por direito)
3. Só pra mim, pra mais ninguém
4. É assim
5. Fora da realidade
6. O casamento
7. O filho de José e Maria
8. O sonho terminou
9. De volta às verdadeiras
origens
10. Que loucura

ODAIR JOSÉ O FILHO DE JOSÉ E MARIA

LANÇAMENTO: **1977**
SELO: **RCA**



O FILHO DE JOSÉ E MARIA

I. ERA TÃO MENINO E NINGUÉM TEVE DÓ

Às oito horas da manhã do dia em que completou dez anos, Salvador acordou e, antes mesmo de abrir os olhos, fez um pedido ao Papai do Céu: queria passar o dia a sós com Chavez e Chapolin Colorado. Pobre menino. Mais uma vez, o mesmo desejo de todos os anos não seria realizado. Abraçada à esperança de tornar o filho um ser social, mamãe Maria fez um lindo bolo, comprou docinhos e salgadinhos, e chamou a turminha para comemorar.

Depois de alimentar falsas expectativas de que o super-herói mexicano apareceria na festa e o levaria para longe de seus intragáveis amiguinhos, Salvador caiu na real: Papai do Céu não gostava dele; sua mãe também. E fez uma investida *punk* nos docinhos e salgadinhos. Comeu muitos, compulsivamente, até que seu intestino de menino viesse com a resposta. Sorte grande. Bem às vésperas do “Parabéns a você”, o momento mais odiado do ano. Sobrou para José e Maria, que se revezavam entre os cuidados com o filho no banheiro e as tentativas de distrair os convidados. Maria rendia José. José rendia Maria. Tudo em silêncio. Há tempos que o vocabulário deles havia feito uma regressão pra nunca mais voltar. Estacionou em monossílabos e onomatopéias.

Quando Maria rendeu José pela terceira vez, a festa já estava acabando. Só restavam Ana e seu filho Moisés. Ana sentada numa cadeira de palha ao lado da mesa cheia de forminhas vazias. Moisés na piscina de plástico, brincando com patinhos amarelinhos. José coçou o pomo-de-adão. Com Ana seu vocabulário era rico e digno de um marceneiro que adora ler. Sentou ao lado dela. Respirou diferente. Deu um nervoso danado falar qualquer coisa. Medo de o menino ficar bom, de Maria voltar para a sala com ele nos braços e ouvir coisas como “linda”, “vamos embora daqui”, “saudades do teu cheiro” disparados em outra direção.

Ana e seus olhos de espera. Não que Moisés viesse pingando e se gabando dos dedos enrugados. Já nem lembrava mais que tinha filho. Esperava lânguida por confetes, platitudes ou convites de José. Queria repetir a noite mais linda do mundo em que ele foi ela e ela foi ele. Repetir as verdades que seus olhos disseram enquanto os deles insistiam em desviar-se (para não gozar, ele explicou depois). Queria repetir tudo sem medo. Impossível. Ela era amiga de Maria. E ele, amigo de seu marido.

José pegou nas mãos de Ana. Geladas e frias. Ouviu o barulho da caixa d’água e largou-a, esperando que ela entendesse seu olhar de medo e desejo.

- Vou embora — antecipou-se Ana.
- Espera, vou chamar Maria.
- Tá. Ainda vou na missa das oito.

Recado dado. Então repetiriam tudo, e tudo com o tal do medo mesmo.

Quando sentiu que não havia mais ninguém em casa, Salvador ficou bonzinho. Teve até vontade de comer o bolo de chocolate que permanecia intacto, mas Maria mandou ele tomar vergonha na cara. Chamou José para acompanhá-la nessa história de primeiro pedaço, fazer pedido e tal, achando que o aniversário poderia ser o dela.

— Parabéns pela maternidade — disse José.

— Parabéns pela paternidade — retrucou Maria.

E serviram-se as fatias. E comeram sem lambuzar os lábios e sem dizer mais nada. Ambos sentiram um gosto amargo. “Chocolate meio-amargo ou chocolate meio-estragado?” pensaram, cada um por si. O silêncio continuaria por longo tempo.

As terças e quintas deste longo tempo, reinavam os gritos, sussurros e diálogos lynchianos entre as quatro paredes da edícula do Jukebox, bar de sinuca e radiola de ficha da irmã de Ana, no bairro de Soledade. Para

José, o lugar era mais que seguro. O bairro de Soledade só era habitado e freqüentado por mulheres que gostam de mulheres. Todas fiéis da Igreja Lesbiteriana. Todas fiéis às dores de amor e às músicas que falam delas. Fiéis à rotina dos dois reais, quatro músicas. Fiéis a Reginaldo Rossi, Odair José, Alcione, Ângela Maria, Fagner e Wando. Fiéis à sinuca, à cachaça “Loiraça”, e às lágrimas de Chavela. Em Soledade, todas queriam ser Chavela Vargas. Escolhiam uma Frida, um amor, de preferência impossível, e por ele choravam agarradas à radiola de ficha.

Toda vez era igual: José chegava primeiro, atravessava um corredor de chavelas, pegava a chave da edícula com a irmã de Ana, e acendia o Fortuna sem filtro da espera na janela. Depois do coito interrompido (José insistia, mesmo sabendo que seu controle ejaculatório não era dos melhores), mais um Fortuna sem filtro na janela. E Ana, de bruços na cama, conjecturava o futuro daquele amor.

- Quero que nossa vida seja uma vida só.
- Espera eles completarem dezesseis anos.
- Não vou agüentar mais seis anos desse jeito! Mais dois, no máximo.
- Mas só com dezesseis que pode votar.
- E o que tem a ver isso, homi!?
- É a lei. Não posso abandonar um filho problemático que nem pode votar.
- A gente fica com eles, com os dois.

- E Maria?
- Não sei.

Nem seis anos, nem dois. Em nove meses Maria já havia ficado para trás e José segurava forte na mão de Ana enquanto ela tentava expulsar do ventre o fruto daquele amor. O cenário era Belém do Pará, terra natal de José e para onde ele fugiu depois da descoberta de que não tinha o menor talento para o coito interrompido. Salvador não quis ir com ele. Também não quis ficar com Maria e suas insuportáveis lágrimas. Mas continuou no mesmo quarto com os mesmos amiguinhos mexicanos. Moisés também não foi. Ficou com o pai que logo extraiu humor da dor e passou a produzir um evento anual chamado “Dia do Corno”, com apoio e show de Reginaldo Rossi. José e Ana praticamente fugiram, grávidos, despertando o ódio de quase toda a cidade interiorana. Só tiveram apoio da associação de moradoras do bairro de Soledade, das freqüentadoras do Jukebox e da Igreja Lesbiteriana.

José mudou de vida, mudou de amigos, mudou de sonhos. Foi como a canção de Odair que ele sussurrou com os olhos voltados à Ana, na única vez em que resolver soltar a voz no Jukebox. As chavelas postadas no balcão aplaudiram quando o *show* terminou.

II. FIZERAM COMIGO O JOGO DA MEMÓRIA

PROMOÇÃO:

A Internet já salvou sua vida? Você tem curiosidade de conhecer o Círio de Nazaré? Então escreva sua história “Por que a Internet salvou minha vida e por que eu quero tanto participar desse glorioso evento?” E concorra a uma passagem de ida e volta para Belém do Pará!

Prezada Foi Linhas Aéreas,

É impressionante como essa promoção de vocês coube direitinho no que tenho a contar. A Internet veio sorradeira e destruiu minha vida, num primeiro momento. Mas depois ela me salvou. A rasteira que deu foi só para o meu bem, para mostrar que o jeito que levava a vida não fazia mais sentido. Fechado no quarto, vendo TV e jogando Playstation. Confesso que até os dezesseis anos minha vida foi assim. Minha mãe sofria e eu nem aí. Meu pai longe formando família nova e eu nem aí. Amigos? Não tinha. Quer dizer, acreditava que Chaves e sua turma e Chapolin Colorado eram meus amigos.

Aí veio a Internet, que precisei aprender a usar por causa do colégio. Adorei o Google. Comecei a viciar em pesquisa. E é claro que fui atrás deles: do Chaves e do Chapolin. Lembro que foi o pior dia da minha vida. Apareceu um tal de Bolaño, um velho enrugado, dizendo que era eles. Fui a fundo na pesquisa e vi que ele não estava mentindo. Imaginem minha decepção. O pior, que não contei (é um segredo, peça que não publiquem esta carta no site, por favor), é que minhas primeiras ereções aconteceram enquanto eu assistia ao Chapolin Colorado. Eu muito me masturbei pensando nele. Cheguei até a pensar que era amor. Então imaginem só meu desespero ao descobrir que anos de amor e desejo foram desperdiçados por um velho chamado Bolaño!! Parei de assistir a esses programas e fiquei deprimido. Então comecei a usar a Internet para fazer amigos de verdade, no Orkut e nos chats. Vejam como a Internet salvou minha vida! Hoje tenho mais de quinhentos amigos, do Brasil inteiro. Tem o Wander, que eu gosto muito. Olha a coincidência. Meu pai é de Belém e voltou pra lá quando a amante dele pegou barriga. Tá lá até hoje com a família nova e eu nunca fui nem quis visitar. E o Wander também mora lá. E é bem religioso. Estuda para ser padre mas confessou para mim que tá pensando em largar tudo depois que me conheceu. Mas ele tem sabedoria, é um homem bom, e me disse que a família é muito importante e que eu deveria rever meu pai. E disse também que tem uma festa religiosa muito legal lá, o Círio de Nazaré. Conclusão: a Internet salvou minha vida e eu quero ir para Belém visitar meu pai, o

Wander e participar desse glorioso evento!

*Conto com vocês,
Salvador.*

III. NÃO ABRA A PORTA PRA NINGUÉM

Salvador foi contemplado com as passagens da promoção da Foi Companhias Aéreas e chegou em Belém nas vésperas do Círio de Nazaré. Wander esperava por ele no aeroporto. Abraçaram-se como velhos grandes amigos e depois se repararam. Salvador gostou dos cabelos pretos divididos no meio e colados com gel, emprestavam a Wander um ar de nobreza. E Wander sentiu compaixão do leve estrabismo que dava a Salvador um jeito de quem exige cuidados.

Depois de deixar a mochila na casa de um gentil amigo que concordou em hospedá-los, foram correndo para o evento *gay* “Filhos da Chiquita”. Salvador não cabia em si de tanto encanto. Sorria por tudo, para todos e principalmente para Madalena, uma *drag* de quase dois metros, vestido prateado e poá lilás. Os novos ares, a nova paisagem e os novos amigos fizeram dele um novo homem. “A vida vale a pena!”, filosofou, na procissão do dia seguinte, agarrado ao cordão, aos amigos, e às memórias da véspera.

Crente de que a vida valia a pena, foi surpreendido, bem no meio da confusão, por um olhar de cumplicidade vindo de um homem feio. As covinhas nas bochechas abaixo de respectivas pintas negras, como se fossem dois pontos e vírgula, não deixavam dúvidas: tratava-se de Madalena.

Uma Madalena sem camisa e sem peitos, com trinta centímetros a menos de altura e inúmeras goteiras de suor. Salvador não conseguiu retribuir o sorriso. Um sentimento de decepção, o mesmo que lhe invadiu quando descobriu a verdade sobre Bolaño, deixou-o desorientado. Largou tudo e dirigiu-se com dificuldade até a calçada. Não achou lugar para sentar nem para ficar quieto. Nunca vira tanta gente reunida e não havia espaço para ficar sozinho e sofrer dores que não fossem físicas. Perdeu-se de todos os amigos que fizera. Melhor assim, pensou.

Salvador caminhou, caminhou e caminhou. Sem destino. Queria achar um lugar onde não houvesse viva alma. Encontrou um cemitério e ali ficou, refletindo por meia hora. Nada é o que parece, pensou. Não sabia bem como lidar com essa informação. Sentava e levantava; emitia sons esquisitos e logo ficava em silêncio; levantava a cabeça e logo abaixava. E, por fim, lembrou-se de seu pai. Só a família salva, lhe disse uma voz que veio de dentro. Achou um pedaço de papel onde havia anotado o endereço e fez um esforço para aceitar que precisava rever seu pai.

IV. O PASSADO NÃO ASSUSTA MAIS

Ele não tinha expectativa, portanto, não havia o medo de que a realidade não correspondesse às expectativas. O único medo era de que seu pai estivesse metido no meio do cordão de fanáticos e dissimulados — sua opinião sobre as coisas mudava depressa como humor de mulher — para que não precisasse esperar horas e horas naquela cidade à beira do caos. Parou num boteco vazio e pediu uma água, só para sentir-se no direito de usar o banheiro. Olhou-se no espelho 5X5 de moldura de plástico alaranjado e percebeu que seus cabelos estavam desgrehados. Buscou o pente de bolso e ajustou-se, passeando a língua sobre os dentes.

A rua era sem saída e Salvador nem se preocupou em olhar os números. Sabia que a casa amarela na cabeceira era a de seu pai. Ele sempre gostou e era exclusividade dele as cabeceiras das mesas, assim como a cor amarela, que, segundo o próprio, um dia traria riqueza. Pena que, a julgar pela casa, “parece que o dia ainda não havia chegado”, pensou Salvador. E caminhou sem dúvidas até o final da rua. Bateu três palmas e ficou olhando fixo para a porta de madeira. Um, dois, três e ela se abre lentamente. José aparece, com um bebê no colo. E neste mesmo instante, em um outro lugar do mundo, Maria, como resposta, engasgava-se com um pedaço de hóstia.

Estavam todos em casa colaborando com Ana, olheiras maiores que ela mesma, que completava três meses de lactância e noites sem dormir. Salvador pegou Emmanuel no colo e sorriu, percebendo, pela primeira vez na vida, que a nascente de um sorriso não fica nos lábios. Seu pai estava igual como sempre foi; Ana também. E o irmão que provocou a fuga, agora com oito anos, assim como o novo rebento, pareciam ser gente de verdade. Crianças transparentes.

Voltou para São Judas cheio de uma felicidade discreta e comentou com Maria:

— Agora que terminei os estudos vou arrumar um trabalho que eu possa ficar seis meses aqui e seis meses com papai em Belém.

Maria, que nunca foi de muitas palavras, apenas aceitou com a cabeça. Depois que perdera a fé na hóstia, tudo tinha jeito de tanto fez como tanto faz.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br